

ACHEGAS SOBRE FUTEBOL E COPAS DO MUNDO

José Antônio de Ávila Sacramento

Ao meu pai José Colombo de Ávila, o “Zequinha” (in memoriam, 1913-1990), bom jogador de futebol não reconhecido que atuou nos gramados do distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru e região.

Na antiga China, por volta de 3000 a.C, numa espécie de ritual militar após as guerras, soldados chutavam a cabeça dos soldados inimigos. No Japão antigo, desde o ano 644 d.C, havia um esporte chamado de “Kemari” que era praticado pelos amigos do imperador e acontecia num campo aberto, de aproximadamente 200 metros quadrados, com uma bola produzida com de fibras de bambu. Por volta do século I a.C, os gregos criaram o jogo “Episkiros” em que equipes de soldados se dividiam e o disputavam num terreno retangular; em Esparta, jogadores militares usavam uma bola de bexiga de boi cheia com areia ou terra. Na Idade Média o “Soule” ou “Harpastum” era praticado por militares, divididos em equipes de atacantes e defensores que usavam de socos, pontapés, rasteiras e outras violências, o que comumente resultava em mortes. Na Itália, no período medieval, há registros de um jogo denominado “Gioco del Calcio”, praticado nas praças, com os jogadores tentando levar a bola até ultrapassar dois postes fincados nos dois cantos extremos da praça; nestes jogos, também era comum desavenças pessoais que resultavam em violências e mortes.

O “Gioco de Cálcio” saiu da Itália e chegou na Inglaterra por volta do século XVII. Em terras inglesas, ganhou regras iniciais: o campo deveria medir 120x180 metros e em duas pontas eram instalados dois arcos retangulares (os gols). A bola era feita de couro e cheia com ar. O jogo que começou a ser praticado por estudantes e pela nobreza inglesa foi se popularizando. No ano de 1848, em Cambridge, estabeleceu-se um código de regras para o futebol. O profissionalismo começou em 1885, com a criação da “International Board”, entidade que cuidava das regras do futebol. Em 1888, foi fundada a “Football League” com a finalidade de organizar torneios e campeonatos internacionais. Em 1897, uma equipe inglesa chamada “Corinthians” fez uma excursão fora da Europa, iniciando a difusão do futebol pelo exterior. No ano de 1904 foi criada a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association), instituição que atualmente, além de promover vários campeonatos, organiza e cuida dos campeonatos mundiais de seleções, as chamadas Copas do Mundo, realizadas a cada quatro anos.

No Brasil, Charles William Miller (1874-1953), paulista do Bairro Brás, é considerado o precursor do futebol. Miller viajou para Inglaterra, aos nove anos, para estudar, e lá conheceu o futebol; ao retornar ao Brasil, em 1894, trouxe duas bolas de futebol, um par de chuteiras e um livro com o conjunto de regras do futebol. O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 14 de abril de 1895, em São Paulo, numa partida disputada entre os funcionários da Companhia de Gás de São Paulo (São

Paulo Gaz Company) e da Companhia Ferroviária de São Paulo (*São Paulo Railway Company*) e o time de Charles Miller, dos ferroviários, venceu por 4 a 2.

De quatro em quatro anos, seleções de futebol de diversos países do mundo se reúnem para disputar a Copa do Mundo de Futebol. A competição foi criada pelo francês Jules Rimet, em 1928, após ter assumido o comando da FIFA, e o troféu que premiou os primeiros países vencedores das Copas do Mundo levou o nome de Taça Jules Rimet; a peça foi obra do artesão francês Abel Lafleur, inspirada numa representação de Nike da Samotrácia, deusa helênica da vitória, escultura incompleta do Século II, em exposição no Museu do Louvre de Paris, com asas estilizadas, braços levantados segurando uma copa de formato octogonal; a base de mármore era própria para gravar os nomes dos países vencedores de cada edição do campeonato, em pequenas placas; a estatueta media 30 centímetros de altura, possuía 3,8 quilogramas de ouro e peso total de 4 kg.

Em 1939, a Taça Jules Rimet “sumiu” pela primeira vez: era época da Segunda Guerra Mundial e para impedir que forças nazistas se apoderassem da escultura, o vice-presidente italiano da FIFA, Ottorino Barassi, retirou secretamente a taça do banco onde ela era mantida, em Roma, a guardou numa caixa e escondeu-a sob sua cama. No ano de 1966, quando a Inglaterra foi a sede do Mundial de Futebol a Taça Jules Rimet foi colocada em exposição em Londres, junto a uma exposição filatélica, e apesar da vigilância, o troféu desapareceu no dia 20 de março, e a famosa Scotland Yard não conseguiu descobrir o paradeiro do troféu e nem quem a furtou; em 27 de março, um senhor chamado David Corbett passeava com seu cão Pickles que, farejando um arbusto numa praça, descobriu o troféu enrolado em jornais; o cachorro ganhou fama e foi premiado por uma fábrica de comida canina com fornecimento de alimentos pelo resto da vida. Depois que o Brasil conquistou a posse definitiva da Taça Jules Rimet, uma réplica do troféu estava exposto na sede da CBF, no Rio de Janeiro, e a taça original guardada num cofre; estranhamente, a réplica foi trancada no cofre enquanto a taça original ficou exposta, sem muita segurança; em 20 de dezembro de 1983 o troféu foi furtado e presumidamente derretido. Por ironia do destino, quando o troféu foi furtado pela primeira vez, em Londres, um assessor da CBF comentou que aquilo jamais ocorreria no Brasil porque aqui “até mesmo os ladrões eram apaixonados por futebol.”.

O atual troféu, criação do italiano Silvio Gazzaniga, recebeu o nome de “Coupe du Monde” ou Taça Fifa, e foi concebido para substituir a Taça Jules Rimet, definitivamente conquistada pelo Brasil com o tricampeonato em 1970. O troféu representa a alegria da vitória, com dois jogadores segurando o Planeta Terra, erguido na parte mais alta, e a posse dele será eternamente transitória.

A primeira edição da Copa do Mundo de Futebol foi realizada no Uruguai, em 1930, com a participação de 16 seleções convidadas pela FIFA, sem disputa das eliminatórias como acontece atualmente, e a seleção uruguaia foi campeã. Nas duas copas seguintes (1934 e 1938), a Itália conquistou os títulos. Entre 1942 e 1946, a competição foi suspensa por causa da II Guerra Mundial.

No ano de 1950, o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo; a seleção brasileira chegou à final, disputada contra o Uruguai, no recém-construído Estádio Mário Filho, o Maracanã (RJ), com um público de cerca de 200 mil espectadores. Um empate daria o título ao Brasil, mas os uruguaios conseguiram o que parecia ser impossível: venceram o Brasil por 2 a 1. Dizem que o Maracanã se calou, a torcida chorou, e o episódio passou à história do futebol com o apelido de “Maracanazzo”, um dos maiores reveses da história do futebol mundial e um dos maiores vexames do selecionado brasileiro. Jules Rimet, então presidente da FIFA e organizador da Copa, estava no Maracanã para fazer a entrega da taça, mas, com o resultado adverso, acabou ficando sozinho no campo, com a taça nas mãos, sem nenhuma orientação: “Fiquei perdido, sem saber o que fazer. Encontrei Obdulio Varela, apertei a sua mão e entreguei a taça, sem dizer uma palavra. Ele também não respondeu. O silêncio do estádio não permitiu.”; numa entrevista, Ghiggia, o autor do autor do segundo gol uruguaio, revelou que: “o silêncio era tão grande que se uma mosca estivesse voando por lá, ouviríamos o seu zumbido.”.

A partir daquele trágico jogo, o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues criou, às vésperas da Copa de 1958, a expressão “complexo de vira-latas”, sob o argumento de que os brasileiros eram inferiores, ou seja, que “éramos como um cão vira-latas entre as nações”. Para Nelson, o brasileiro não atingia o seu potencial máximo porque possuía uma crença inconsciente de que era inferior aos demais povos, especialmente com relação aos europeus, e dizia que o brasileiro precisava encontrar uma identidade para se desenvolver como país: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem. Pois bem: — perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão”.

Em 1954, a Copa foi disputada na Suíça e a campeã foi a equipe da Alemanha Ocidental. Nessa Copa o Brasil fez a sua quinta participação e, pela primeira vez, a seleção usou o uniforme com a camisa amarelo-canário com detalhes verdes, o calção azul com listras brancas e meias brancas com listras verdes e amarelas, porque houve o entendimento de que as cores do antigo uniforme não representavam a nossa nacionalidade. Entre os supersticiosos havia a crença de que a derrota no Mundial de 1950, com o uniforme antigo (camisa branca e calção azul, usados desde 1919) tenha sido o que deu azar. A mudança do uniforme foi

precedida de concurso promovido pelo jornal carioca Correio da Manhã em parceria com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), e a única exigência era a de que o desenho tivesse pelo menos quatro cores da bandeira brasileira; o professor e jornalista gaúcho Aldyr Garcia Schlee, à época com 19 anos, venceu o concurso e foi premiado com uma cadeira cativa no Estádio do Maracanã, uma vaga de desenhista no jornal Correio da Manhã e uma quantia em dinheiro. Desde essa época, a camisa amarelo-canário tornou-se símbolo de identidade da seleção brasileira, vindo daí o apelido de “seleção canarinho” ou “canarina”. Na Suíça, o Brasil foi eliminado nas quartas de finais e terminou o campeonato na sexta colocação.

A seleção brasileira conseguiu vencer uma Copa do Mundo pela primeira vez em 1958, na Suécia, curiosamente vestindo camisas azuis, porque a equipe finalista era a “dona da casa” e jogou com o uniforme amarelo. De certo modo, a Copa da Suécia serviu para tentar superar ou desmentir Nelson Rodrigues e a sua cruel teoria do “complexo de vira-latas”, e revelou aquele que seria considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento – o Pelé. Em 1962, no Chile, a seleção brasileira conquistou o bicampeonato. Em 1966 a vencedora foi a seleção da Inglaterra, jogando em casa. Em 1970, na Copa do México, eu assisti pela TV o Brasil ser campeão pela terceira vez, ao vencer a Itália na final por 4 a 1.

Após 1970, o Brasil tentou outros títulos mundiais, por 24 anos, em vão. Os campeões mundiais durante o período do jejum de títulos do Brasil, foram: Alemanha (1974 e 1990), Argentina (1978 e 1986), Itália (1982). O Brasil voltou a conquistar mais um título no ano de 1994, na Copa do Mundo realizado nos EUA. Em 2002, na Copa do Mundo do Japão/Coreia do Sul, a seleção brasileira tornou-se pentacampeã mundial de futebol, e neste ano de 2006, enquanto escrevo este texto, na competição realizada na Alemanha, a seleção italiana foi a que venceu pela quarta vez uma Copa do Mundo.

Por fim, permitam-me algumas indagações de torcedor: por que será que qualidade do futebol brasileiro, sinônimo de técnica, habilidade, arte, e que por isto tornou-se universalmente, decaiu tanto? Por que o futebol brasileiro, que já foi motivo de orgulho nacional, parece-me estar em decadência? Será que o futebol mudou e passou a ser só mais um esporte coletivo e força em detrimento dos valores individuais? Por que será que as escalações estão sendo feitas mais a partir dos meio-campistas, e não também a partir de talentosos centroavantes e pontas? Por que há mais discussões da imprensa sobre contratações, erros das arbitragens, condições dos gramados, e menos comentários sobre as formas físicas e/ou táticas dos jogadores? Por que estamos perdendo aquele estilo de jogar que era tão nosso? Por que os jogadores migram para equipes do exterior tão precocemente e parecem que perdem o estímulo pela camisa verde-amarela em face das fortunas que amealham com tais transferências? Por que está havendo um afastamento da seleção brasileira do torcedor e por que será que os torcedores estão perdendo o interesse pelos jogos da seleção, não se vestem tão mais com as camisa canarinhos e nem mais se dispõem a enfeitar ruas e praças com as cores nacionais

em dias de Copa do Mundo? Por que os adversários que antes cercavam-se de cuidados ao enfrentar o selecionado brasileiro não temem mais o confronto?

Dá um jeito, Brasil! Eu ainda quero viver o suficiente para acompanhar a conquista de mais alguns campeonatos mundiais! E é neste sentido que eu faço coro com o samba gravado no ano de 1982 pelo lateral-esquerdo paraibano Leovegildo Lins Gama Jr., o craque Júnior: “voa, canarinho, voa, mostra pra esse povo que és um rei. Voa, canarinho, voa (...) Bola rolando e o mundo se encantando com a galera delirando. Tô aí e quero mais”!



Uniforme tradicional da “seleção canarinho”, desde a Copa de 1958.



(Texto escrito em 2006)